

[2] Este texto foi publicado previamente (27/11/2020) no blog de Ronaldo Correia de Brito a pedido do autor: <https://www.ronaldocorreiaдебrito.com.br/site2/2020/11/no-gume-da-prosa/>

# NO GUME DA PROSA<sup>2</sup>

— NATASHA BELFORT PALMEIRA

Numa crônica de 1894 intitulada *O punhal de Martinha*, Machado de Assis comparou o destino de dois punhais: o de Lucrecia, imortalizado por Tito Lívio, e o de uma certa Martinha, moça de Cachoeira, na Bahia, que virou notícia numa gazeta local por ter “furado” o homem que ameaçou desonrá-la. A primeira arma, escreve o cronista, entra para a história universal, mas a segunda é “consumida pela ferrugem da obscuridade”, afinal Roma não é Cachoeira. A “parcialidade dos tempos” fará com que o punhal da Martinha caia no esquecimento, apesar da coragem da cachoeirense e da beleza da sua linguagem, com valor natal e popular inestimável. É uma pena, mas “tais assim são as cousas deste mundo, tal é a desigualdade dos destinos”<sup>3</sup>, arremata.

[3] Machado de Assis “O punhal de Martinha [15 de agosto de 1894, A Semana]” in *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, volume III, pp. 638-639.

Resolvi cortar caminho pela crônica de Machado por acreditar que o problema por trás dos dois punhais, isto é, o da relativização da universalidade do universal, ou da particularidade do particular, é caro também ao nosso convidado de hoje. Pois a singularidade estilística e o alcance literário da prosa límpida do Ronaldo ganham menos com o predicado “regionalista” que teríamos tendência a atribuir à sua literatura. Tal classificação, me parece, perde cada vez mais sentido, ao menos em sua acepção implicitamente redutiva, isto é, a de literatura que se limita a tratar de um povo e uma cultura particulares e sem suposto interesse para o resto do planeta. Essa categoria literária não seria fruto de “outra parcialidade dos tempos”, ou da persistência da mesma parcialidade a que já se referia Machado? Se assim não fosse, só poderíamos nos convencer do valor estético do reisado nordestino, por exemplo, ao compará-lo à Ópera de Pequim ou ao *kabuki*, deixando a diferença da pobreza econômica de lado, como faz Antônio Paulo no conto *Cravinho*.

O microcosmo ficcional de *Faca e Livro dos homens*, ou ainda dos romances *Galileia* e *Dora sem véu*, tem raízes no pedaço de terra onde Ronaldo cresceu e aprendeu a decifrar o mundo. E nesse sentido, sim, sua prosa é regionalista, tão regionalista quanto pode ser um romance de Machado sobre o Rio de Janeiro no século XIX.

Mas as comparações servem apenas num primeiro momento, para adiante olhar a fundo a composição literária. Nesse plano, importa ape-

nas indiretamente o local geográfico — Roma, Cachoeira, o sertão dos Inhamuns. Importa como o escritor molda os materiais de que dispõe imediatamente, aproveitando as possibilidades formais que estes lhe oferecem; interessa como descobre neles dramas que estão em toda parte. Importa menos a proveniência do punhal que matou Donana, do que o assombro suscitado pelo crime, ou do que a faca, cúmplice de atos trágicos sempiternos, que ferem e envolvem todos nós.

Título de sua coletânea de estreia no Sudeste, *faca* é arma branca concreta e simbólica que atravessa os contos do autor, assim como as narrativas de maior fôlego que virão depois. Além de motivo literário, ela parece ser também princípio formal que entalha o grosso da experiência, fazendo muito caber em tão pouco. Assim, “a terra toda” pode caber “nas rugas do rosto de uma mulher”<sup>4</sup>, como está escrito no conto “Deus agiota”, e a ruína de uma família ilustre, no detalhe sutil de um penteado, como nessa passagem de “Redemunho” que descreve a matriarca: “Catarina Cavalcante de Albuquerque Bezerra prende os cabelos em dois cocós altos, com marrafas de casco de tartaruga, desprovidas de alguns dentes”<sup>5</sup>. Daí a força dessa prosa bem talhada e enxuta dos contos e romances de Ronaldo; daí sua distensão, pois é por esse gesto certo do prosador, que remove o azinhavre dos metais e a ferrugem das lâminas, que a narrativa se desprende da moldura sertaneja para se tornar palco de conflitos e contradições mais amplos.

Esse mesmo princípio formal rege também o trato com o tempo narrativo, que é rigorosamente cortado, feito de hiatos e de esperas, de tempos que não passam e fazem irromper a assombração de um passado que ameaça se repetir fatalmente a todo instante. É exemplar, nesse sentido, o ponto culminante do romance *Galileia* em que Adonias repete, ou pensa repetir, os crimes da família, percorrendo numa passagem notável os mesmos lugares e gestos de Domísio – fantasma cuja história é recontada em outros livros seus. A herança rural é então ao mesmo tempo memória de morte, de relações brutas, e fonte de ricas narrativas da tradição oral.

A tensão narrativa da espera criada pela estrutura trágica e concentrada das histórias, e que deixa o leitor em constante suspensão, assume um nível simbólico mais geral, que dá conta também do processo inverso, isto é, em que o todo chega ao miúdo. A temporalidade cíclica ligada à tópica da espera, e emprestada da épica oral, como notou Davi Arrigucci Jr. no posfácio ao livro *Faca*, admite tanto a mistura das histórias antigas com as mais recentes, quanto o encontro entre o arcaico e o moderno, reconhecível seja no pormenor, como é sólito na escrita do autor, em que o som de um telefone pode ser confundido com um chocalhinho de cabra,

[4] Ronaldo Correia de Brito. “Deus agiota”. In: *Faca e livro dos homens*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017. p. 36.

[5] Ronaldo Correia de Brito. “Redemunho”. In: *Faca e livro dos homens*, op. cit. p. 28.

seja no plano mais geral do embate entre o conhecimento científico e os saberes seculares da tradição popular, como ocorre no romance *Dora sem véu*. Esse tempo ficcional permite também imitar a combinação precária entre o mundo agreste e a modernidade. O sertão, como escreveu Ronaldo em uma entrevista, torna-se a paisagem através da qual interpreta “o mundo, o de hoje, o globalizado, o que rompeu com as tradições”.

Como num poema de Drummond, a presença do mundo moderno se faz sentir através do ingresso paulatino de mercadorias importadas de longe ou “de baixo”, que vão de artigos de luxo — pianos trazidos da Europa, rádios e celulares sem rede que a garotada vê na televisão e acha bonito — ao lixo:

Enxergo o mundo em volta de mim, afogado em sacos de plásticos, que o vento carrega de um lado para outro. Uma velha caminha com uma lata d’água na cabeça. Até aquele momento, nunca soube de sua existência, e ela igualmente nunca soube de mim. O que pensa? Quantas vezes ela encheu as jarras da casa, desde menina, quando só podia com um balde ou um potezinho?<sup>6</sup>

[6] BRITO, Ronaldo Correia de. Galileia. São Paulo: Objetiva, 2008, p. 84.

É também então por essa via palpável e material que o universo sertanejo tão simbólico para a literatura brasileira se faz permeável ao mundo. Ronaldo cria assim a imagem de um sertão desmistificado, sem perder, todavia, o vínculo com o imaginário fantástico e poético encontrado em suas primeiras narrativas.